

Artimanhas da ironia.

Org. Lélia Parreira Duarte. *Boletim*.
Belo Horizonte: Centro de Estudos
Portugueses da Faculdade de Letras
da Universidade Federal de Minas
Gerais. v. 11, n. 13, jun. 1991.

Este número especial do *Boletim* reúne trabalhos que têm a preocupação de explicitar os mecanismos pelos quais a ironia se apresenta em textos literários, enquanto recurso de construção textual. Os trabalhos que compõem a coletânea lidam com diversos aspectos de que se reveste a ironia na literatura, quer como figura de retórica, quer como intencionalidade do texto de se mostrar como construção, artifício.

A introdução procura apresentar o aspecto desestabilizador da ironia, que se baseia no caráter reversível da palavra e na utopia de um significado instalado e imutável, frizando o deslizamento de significantes e de significados e a incômoda certeza de que tudo no mundo é aparência, representação. Entre as palavras e as coisas expõe-se o mundo construído pela linguagem, buscando preencher o vazio e vencer a angustiante certeza da morte. Irônica ambição de dar conta do impossível: fixar por todo o sempre as coisas (e o mundo) num mesmo lugar. A ironia é vista ainda como um processo que se instala no lugar da emissão e no da recepção onde se produzem sentidos delineadores de identidades a partir de jogos de sedução, de artimanhas pelas quais autor e leitor,

narrador e narratário buscam se alcançar, utilizando-se da linguagem e de sua capacidade de "sempre dizer alguma coisa, ainda quando não está dizendo nada", como acentua o artigo "Considerações em torno dos fundamentos semióticos da ironia" (p. 169-182). Jogos irônicos da trama semiótica que afirma a natureza representativa dos signos.

Em todos os trabalhos observam-se pontos que podem ser agrupados como característicos da ironia: a auto-encenação do narrador, a multiplicidade de jogos que garantem o eterno deslizar de intenções, sentidos e significações; a relativização de verdades e a desconstrução do poder. Os pontos comuns não impedem, todavia, que particularidades sejam consideradas ainda quando se fala do mesmo autor, como é o caso de Augusto Abelaira. Seus livros *Bolor*, *As boas intenções*, *O triunfo da morte* e *A palavra é de ouro* foram analisados a partir da observação dos intrincados mecanismos dessa escrita em que a ironia aparece não só como recurso estilístico e de conscientização social, mas também como artifício do homem que finge dominar, pelo uso da linguagem, as forças que regem seu destino.

Por outro lado, os textos sobre *Memorial do convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, desvelam a ironia como recurso que possibilita a visão crítica do poder político e religioso a partir de um trabalho lúdico

produtor de um entrecruzar de sentidos em que se perde o leitor desavisado. E às vezes até o advertido. Jogo de esconde-esconde construído por vozes que, falando em eco, procuram confundir o leitor que corre sempre o risco de cair nas armadilhas acionadas pelo texto. " - Que coisa mais escanifobética", poderíamos dizer, imitando o espanto do narrador irreverente de Mário de Carvalho, em *Casos do Beco das Sardnheiras*, quando se vê enrolado nos fios com que teceu as histórias que nos conta.

A leitura das peças *Felizmente há luar*, de Luis de Sttau-Monteiro e *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, de António José da Silva, destacam os jogos irônicos que viabilizam a crítica social e pretendem induzir à conscientização, lendo o contexto pelas peculiaridades dos textos que explicitam seu caráter de representação, de encenação.

As análises que enfocam a literatura brasileira percorrem, em textos de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Murilo Mendes, os índices da ironia desarticuladores de intenções pré-determinadas. Nos contos "Teoria do Medalhão", "O espelho" e "Missa do galo", de Machado de Assis, a ironia se apresenta de forma clara às vezes; em outras ela emerge através de uma "estética do ato falho" - como bem observa o analista de "Missa do galo" - para desconstruir o discurso/ saber de um narrador onisciente, que imagina tudo conhecer, mas não domina as palavras

que manipula. Percebe-se, nos textos machadianos, que os recursos com que o narrador pretende prender o leitor podem funcionar como uma fresta por onde se "enxerga" o que o narrador parece não querer dizer. Tudo muito ao jeito peculiar de Machado de Assis de mostrar o caráter de encenação do texto que, como num teatro, re-apresenta o mistério da vida, nem sempre doce, mas sempre fascinante porque contraditório.

O artigo sobre Murilo Mendes trabalha, "à luz do conceito de ironia romântica e de teorias estéticas da modernidade", os poemas "Texto de informação" e "Texto de consulta" e o sobre Guimarães Rosa busca no conto "Quadrado de estória" perceber a ironia como "tensão entre elementos opostos" que possibilita ao usuário da linguagem fazer com que ela diga mais do que diz, dizendo o contrário.

Outras literaturas estão representadas na Revista pela leitura crítica dos textos *O capote*, de Nicolau Gogol e *Júlio César*, de Shakespeare. A analista do conto de Gogol vai pinçar os pontos que, ironicamente, (des)constróem o "capote textual". Utiliza-se da metáfora do alfate, "aquele que costura a roupa" e a associa com a função do narrador que constrói/costura a história. Já em *Júlio César* será destacada a função pragmática do discurso irônico, através da análise da palavra de Marco Antônio que, investido de um alto poder de persuasão, induz

a multidão a assumir os sentidos que se constroem pela entonação irresistivelmente volúvel da frase "Brutus é um homem honrado". Tal recurso possibilita que, a cada emissão, novos sentidos se somem aos outros antes produzidos, delineando-se a significação desejada através de matizes e pinceladas de ironia.

Em seu conjunto, os artigos revelam o trabalho de um grupo que se tem dedicado, na FALE, UFMG, à pesquisa da ironia na literatura, mostrando, muitas vezes, que as armas eficazes da ironia atingem, a cada momento, alvos inusitados que podem estar fora da mira do autor ou do narrador, cegados talvez pelo desejo de prender, num campo de tiro delineado, os sentidos detonados por suas armas poderosas. Ou quase.

Maria Nazareth Soares Fonseca

LAKOFF, George & TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor.* Chicago, London: Chicago University Press, 1989.

George Lakoff está de volta às metáforas, agora em parceria com Mark Turner. Seu livro anterior, *Metaphors we Live by*, em co-autoria com Mark Johnson, inspirou uma série de trabalhos de intelectuais brasi-

leiros. A idéia de que as metáforas são componentes da linguagem cotidiana que reflete a própria estruturação do pensamento é a mola mestra dessa nova visão da metáfora. Segundo a teoria de Lakoff e Johnson toda a realidade é percebida de maneira metafórica. Assim a argumentação, por exemplo, é concebida em termos de guerra no momento em que nosso interlocutor é visto como um inimigo que temos que vencer, procurando derrubar seus argumentos, atacar suas idéias, etc.

More than Cool Reasons se propõe a analisar o papel das metáforas poéticas. No prefácio os autores explicam que os grandes poetas se utilizam dos mesmos instrumentos lingüísticos que as pessoas comuns, mas o que os torna diferentes é o talento e a habilidade para usar tais instrumentos. A metáfora é um recurso lingüístico usado de forma inconsciente por todos os falantes e os grandes poetas só podem se comunicar conosco porque se utilizam de formas de pensamento comuns a todos os seres humanos.

Lakoff e Turner afirmam que para entender a criatividade poética é necessário entender as formas comuns de pensamento.

Considero os dois primeiros capítulos, "Life, Death, and Time" e "The power of Poetic Metaphor" como os mais importantes. No primeiro capítulo são discutidas as metáforas usadas para se falar de vida, morte e tempo. Segundo os autores, nós